

humanitas

Vol. XXXIX-XL

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
INSTITUTO DE ESTUDOS CLÁSSICOS

HVMANITAS

XXXIX-XL



C O I M B R A

MCMLXXXVII-MCMLXXXVIII

dos nobres, as preocupações e esperanças de um povo, a sua gesta, a ambição do humanista em ser o seu cantor.

A importância e significado desta obra, que se estende por mais de centena e meia de *folia*, em letra gótica, bem desenhada e ornamentada, é agora de mais fácil acesso ao leitor erudito, que vê também a sua tarefa facilitada pela sugestiva e orientadora análise, que a acompanha.

NAIR N. CASTRO SOARES

JULIA KRISTEVA, *Étrangers à nous-mêmes*. Paris, Fayard, 1988. 288 págs.

O fenómeno do exílio e a sua importância em termos de criação literária têm suscitado, de há uns tempos a esta parte, atenção crescente. Nos últimos dois anos, pelo menos dois congressos tiveram lugar, expressamente voltados para esta temática, o mais recente dos quais em Belgrado, em Outubro de 1988. Este título não será, por certo, alheio a essa tendência.

Não é, porém, do exílio, em sentido estrito, ou não é exclusivamente do exílio, que trata este novo livro de Julia Kristeva, mas sim desse outro fenómeno que vive paredes meias com o desenraizamento e do qual é, de alguma forma, indissociável — o estrangeiro ou, talvez melhor, o estranhamento ou estranheza.

O leitor é conduzido, ao longo das quase trezentas páginas, através de um percurso extenso, desde a Antiguidade aos nossos dias, com etapas (pontos de partida para a reflexão) em épocas determinantes da história da civilização ocidental.

Seleção polémica, em jeito de desafio, como é peculiar na autora, a obra mantém uma permanente dimensão simbólica, presente, desde logo, no capítulo introdutório, *Toccata et fugue pour l'étranger*: «Etrangement, l'étranger nous habite; il est la face cachée de notre identité, l'espace qui ruine notre demeure, le temps où s'abîment l'entente et la sympathie» (p. 9).

Cercado por contradições insuperáveis e, por vezes, fatais (a terra prometida e a ameaça da destruição, a prisão ao passado e a fuga para um futuro nebuloso, o sonho e a nostalgia), o *estrangeiro* de J. K. povoa toda a nossa história: a Antiguidade Clássica (*Les Grecques entre barbares, suppliants et mêtèques*) ou Bíblica (*Le peuple élu et l'élection de l'étranger*); o Cristianismo (*Saint Paul et Saint Augustin: thérapie de l'exil et pèlerinage*); a Idade Média (*De quel droit êtes-vous étranger?*) e o Renascimento (*Cette Renaissance, «d'une texture si informe et diverse»*); o século das Luzes (*Des Lumières et des étrangers*) e os dias de hoje (*L'Universalité ne serait-elle pas ... notre propre étrangeté?*).

Faltam, decerto, elementos importantes neste edifício e que a autora não tem em conta ou, pelo menos, não refere: Roma, em cuja história cultural e literária o exílio é elemento que não pode ser menosprezado (Ovídio, Cícero, Sêneca são casos paradigmáticos, entre outros) e a outra face do Renascimento (a Dante, que pode

aceitar-se, sem reservas, como símbolo de todos os exilados da Itália conturbada dessa época e da que a precedeu, sucede o cosmopolitismo de Erasmo, o reverso da medalha). Tê-los em conta (e a tantos outros) teria confirmado ou teria, antes, desviado este percurso?

O título do capítulo final (*Pratiquement...*) é bem claro de que esta obra não pretende fechar vias, mas sim abri-las. Esse será um dos seus grandes méritos. As Danaides, Cristo, Dante, mais não serão que elementos de uma construção simbólica de onde parece resultar (incontestável? ameaçadora?) uma conclusão: este estrangeiro, de Julia Kristeva, é cada um de nós. Ou, dando razão ao título: cada um de nós tem em si o seu próprio estrangeiro.

CARLOS ASCENSO ANDRÉ

JOSÉ AUGUSTO CARDOSO BERNARDES, *O bucolismo português: a égloga do Renascimento ao Maneirismo*. Coimbra, Livraria Almedina, 1988, 188 págs.

Há muito já que se fazia sentir a falta de uma obra que abrangesse, no seu conjunto, o bucolismo português de Quinhentos. De facto, os trabalhos nesse domínio cingiam-se, até agora, ao estudo das églogas de autores isolados ou, o que é ainda menos específico, não passavam de uma parcela reduzida de obras de índole global sobre a poesia de cada um desses autores.

Esta era, sem dúvida, uma lacuna grave, tanto mais por ser indesmentível que a poesia bucólica ocupa lugar de relevo na poesia portuguesa do séc. XVI.

O presente trabalho de J.A.C.B., que em boa hora a ele se abalçou para o apresentar como dissertação de Mestrado em Literatura Portuguesa à Faculdade de Letras de Coimbra, em 1987, e que agora, com toda a justiça, saiu a público, tem, desde logo, o mérito de ser pioneiro no preenchimento desse espaço.

O bucolismo português filia-se numa corrente europeia cujas tradições remontam à Antiguidade Clássica, e que tem nos *Idílios* de Teócrito e nas *Bucólicas* de Virgílio os seus modelos de maior fama e fortuna. O *Quattrocento* italiano (Sannazzaro, entre outros) deu-lhe um novo alento. Disto nos dá conta a breve síntese inicial (p. 19-28).

O autor volta-se, então, para os cultores do género na literatura portuguesa (caps. II a V), a partir de um *corpus* que inclui todos os nomes de maior significado: Bernardim Ribeiro, António Ferreira, Camões, Diogo Bernardes, Sá de Miranda, Frei Agostinho da Cruz e ainda a égloga *Crisfal*, sobre cuja autoria continua a pairar a incerteza.

Relevando na égloga, quase por definição, o seu carácter dialéctico, é a partir dessa marca essencial que se estrutura o livro: *A Dialéctica introversiva do Tempo e do Espaço* — Bernardim Ribeiro e a *Crisfal*; *A Dialéctica estabilizada pelo cânone* — António Ferreira; *A Dialéctica do Enunciado* — Camões e Diogo Bernardes;

A Dialéctica extensional — Sá de Miranda e Frei Agostinho da Cruz. Pese embora a opção assumida, não deixa de ser um pouco, dir-se-ia, contra-natura ver aqui o misticismo do monge da Arrábida ao lado dos pesados versos mirandinos.

Em cada um dos autores há, entretanto, linhas de força que comandam a análise: o *amor* é o aspecto mais comum (sendo, entretanto, estranho que não tenha honras de sub-título em Bernardim), bem como o *canto* (ausente, como seria de esperar, em Sá de Miranda, mas, algo imerecidamente, em Diogo Bernardes), e ainda a *natureza*, presença indispensável na poesia bucólica. Cada um tem, todavia, características que nos outros não são realçadas com a mesma intensidade: o *tempo*, em Bernardim; a *mitologia*, a par da *circunstância e diálogo cooperativo*, em Ferreira; *amor-carência e culpa* em Camões; *amor e intransitividade* em Diogo Bernardes (J.A.C.B. deixa claro nesta abordagem que o estudo destes dois autores passa, em muitos aspectos, pelo mútuo cotejo); *eu vs. outros* em Sá de Miranda (uma dimensão social sempre presente); *solidão e ascese* em Frei Agostinho da Cruz.

Neste estudo, onde o autor não se furta à assumpção de posições, nem sempre pacíficas, muitos aspectos de pormenor haveria de destacar, sendo certo que alguns deles abrirão novas pistas para ulteriores estudos sobre este género literário e estes autores: o carácter de «desterrados» dos pastores de Bernardim (p. 31), característica que, com mérito, deveria acrescentar-se aos de Diogo Bernardes; a hipótese de atribuição da *Crisfal* a um terceiro autor (nem Bernardim nem Cristóvão Falcão); a afirmação do bucolismo de Ferreira como *estético (vs. ético) e canónico (vs. idiolectal)* (p. 73); a diferença entre um Camões da *questionação* e um Sá de Miranda da *tese* (p. 121); a consideração de que neste último o espaço da Arcádia é subvertido em função da sua *pertinácia doutrinadora* (p. 146); a especificidade de Frei Agostinho da Cruz (que, repita-se, mereceria capítulo à parte, tendo em conta as conclusões que as páginas 146-165 propiciam).

Uma breve nota de sinal contrário:

— Não há qualquer alusão ao humanista português Henrique Caiado, que publicou em Bolonha, em 1501, as *Aeglogae et Syluae et Epigrammata*, obra de que a Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra possui um magnífico exemplar. Sendo certo que não era esse o objectivo de J.A.C.B., em todo o caso o nome deste poeta novilatino mereceria ser citado, ao menos na Introdução ou no Capítulo I, seja pela importância dos poetas humanistas no bucolismo renascentista, seja porque Caiado era português. Além do mais este nosso humanista, no tocante exactamente às églogas, já se encontra traduzido em francês ... e em português (*Humanitas* 5-6, 1953-54, 103-187).

Nota esta que em nada desmerece o excelente mérito do presente trabalho, cujo aparecimento se saúda e cujo êxito se augura.

CARLOS ASCENSO ANDRÉ

JOSÉ QUIÑONES MELGOZA, *Ramillete neolatino: Europa — México, siglos XV-XVIII*. Introducción, textos anotados y un copioso apéndice de ... México, Universidad Nacional Autónoma de México, 1986. Série Didáctica, 11. 289 p.

Ramillete neolatino foi o título escolhido por J. Quiñones para esta sua obra: um título que lhe convém porque de um «ramalhete» se trata. De facto, como esclarece o autor, a recolha dos textos aqui apresentados não resultou de uma premeditada selecção do que, em seu entender, de melhor ou mais significativo se terá escrito no período de tempo e no espaço a que o título (completo) faz menção: se assim fosse, ter-lhe-ia dado o nome de 'florilégio', 'antologia', termos que, no seu étimo, simultaneamente evocam as ideias de escolha e qualidade; bem pelo contrário, os textos aqui reunidos surgiram dos acasos da investigação, e o único critério estruturador consiste no facto de todos eles serem manifestações da produção novilatina. Com efeito, nesta compilação figuram, lado a lado, textos de Poliziano, Escaligero, Daniel Heins, Glareanus, Ioannes Loeus, Thomas Farnaby, Nicolau Heinsius, Nicolás Antônio, Eguira y Eguren, Pedro Flores, Landívar, Villanueva: textos estes que se espalham num leque temporal que vai do século xv ao século xviii.

Por sentir, talvez, que a este aglomerado de autores não presidia um critério organizativo muito definido, J. Quiñones insiste em que se trata de uma recolha perfeitamente casual (vd. p. 12). No entanto — e o autor não o esconde — é notória uma certa preocupação de simetria, já que, como veremos, do conjunto de textos em torno de Ovídio (oito), quatro são em verso, quatro em prosa, verificando-se o mesmo na «segunda parte», de temática mais variada, em que a quatro textos em verso se seguem outros tantos em prosa.

Das várias razões apontadas por J. Quiñones para a organização deste *Ramillete neolatino* uma merece particular menção: aquela que revela, no seu autor, uma preocupação de estar *à la page* com o recente movimento europeu interessado em dar aos textos novilatinos a devida projecção. Estudioso entusiasta destas matérias, J. Quiñones lamenta o estado incipiente destes estudos no México, e considera importante «dar a conocer y divulgar *didácticamente* esta clase de textos que, si bien comunes y vulgares en Europa, son de escasisimo circulacion en nuestro medio [...]» (p. 13).

Sublinhei, na citação anterior, o advérbio *didácticamente* porque ele aponta para outra razão (e característica) deste volume: a sua dimensão didáctica. Por isso, além da necessária Introdução, os textos recolhidos (de que daremos conta) estão copiosamente anotados, seguindo-se-lhes a sua tradução e ainda um «Rol de figuras y vicios lingüísticos mencionados en las notas». Uma lista da bibliografia utilizada e um índice de nomes fecham o volume.

Na Introdução (pp. 9-52) J. QUIÑONES justifica a razão de ser deste livro: com ele pretende, como foi dito, contribuir para a divulgação, no México, de um tipo de literatura a que pouca atenção tem sido dada. Para esta divulgação, contudo, é necessário que outros participem desta tarefa; e J. QUIÑONES tenta fazer neófitos, mas adverte, e com razão: o estudo dos textos novilatinos não é fácil, pois pressupõe,